

The background of the cover is a photograph of a stone tower, likely a castle or church tower, built on a rocky hillside. The tower is made of dark, rectangular stones and has a crenellated top. In the foreground, there are large, dark rocks and patches of green grass. The scene is framed by the branches of a tree with white cherry blossoms, which are in full bloom. The sky is a clear, bright blue. The title 'CÔ A VISÃO' is written in large, bold, red letters with a blue outline, positioned at the top of the image. Below the title, the subtitle 'CULTURA E CIÊNCIA' is written in smaller, bold, orange letters. At the bottom of the cover, the text 'EDICÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA' is written in white, sans-serif capital letters.

CÔ A VISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 4 - ANO DE 2002

EDICÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

Castanheiro do Vento, um Sítio Monumental Pré-Histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro)

VÍTOR OLIVEIRA JORGE *, JOÃO MURALHA CARDOSO **,
LEONOR SOUSA PEREIRA ***, ANTÓNIO SÁ COIXÃO ****

1. INTRODUÇÃO

Castanheiro do Vento é um sítio pré-histórico do mesmo tipo genérico do de Castelo Velho de Freixo de Numão, este já bem conhecido do meio arqueológico, porque em escavação desde 1989, por iniciativa do então IPPC, sob a responsabilidade de Susana O. Jorge, da FLUP.

Tanto Castelo Velho como Castanheiro do Vento foram descobertos por um de nós (A.S.C.), no decurso das suas pesquisas para a realização da carta arqueológica do concelho (publicada em 1996). No caso de Castanheiro do Vento, foram alunos da Escola Secundária de V.ª N.ª de Foz Côa, onde aquele signatário é professor, que lhe trouxeram os primeiros objectos recolhidos à superfície, tendo assim motivado uma sua deslocação ao local e a identificação do sítio (anos oitenta).

A estação foi mais tarde salva “in extremis”, pelo mesmo signatário, da destruição eminente que lhe provocariam máquinas de revolvimento dos solos, para posterior plantio de eucaliptos, em acção no local. Quando um dia se dirigia para S. João da Pesqueira, pela E.N. 222, A.S.C. apercebeu-se da existência desses trabalhos no alto do cabeço, sobranceiro a Horta do Douro, em que Castanheiro do Vento se implanta. Pôde intervir de imediato, com a ajuda do responsável local da empresa CELBI, e assim evitar a eliminação total da estação, que ficou relativamente preservada na sua parte mais elevada, em terrenos que são propriedade da Junta de freguesia de Horta do Douro. Foi mais um exemplo claro de como a presença *permanente* de um arqueólogo no terreno faz toda a diferença, em termos de registo, inventário, monitorização, e por vezes salvamento de sítios como este, que ia ser irrevogavelmente varrido do mapa, se A. S. C. por acaso tem passado na estrada umas horas mais tarde.

Castelo Velho concentrou, durante vários anos, a atenção das escavações pré-históricas na região. Era o primeiro sítio deste tipo a ser escavado sistematicamente no Norte de Portugal, levantando complexos problemas metodológicos e de interpretação, de que S. O. Jorge tem tratado em diversos trabalhos (v. bibliografia). Castelo Velho serviu como um “balão de ensaio” para toda uma nova faceta da investigação sobre arquitecturas pré-históricas (não “megalíticas”) em Portugal – em particular no que toca a estruturas em xisto, argila e materiais perecíveis – e tem dado origem a numerosos trabalhos de fôlego, nomeadamente dissertações de mestrado, entre as quais se encontram as de dois dos signatários (J.M.C./L.S.P.).

Quando, em 1998, foi necessário apresentar ao Instituto Português de Arqueologia (IPA) um projecto plurianual (EVASAFREN), decidimos incluir o Castanheiro do Vento como um local a intervencionar a partir desse ano. Assim se aproveitaria a experiência adquirida em Castelo Velho num sítio análogo da região (embora de maior escala), permitindo comparações a diferentes níveis.

Realizaram-se aí, então, os primeiros trabalhos de topografia, que se têm ampliado até ao presente, e apenas uma semana de “escavações”, devido a constrangimentos financeiros. Em 1999 foi já viável ampliar as pesquisas para 15 dias, tal como em 2000, ano em que recebemos estudantes da nova Licenciatura em Arqueologia da FLUP, em regime de avaliação, funcionando as escavações como módulo de uma unidade lectiva de Trabalhos Práticos. O mesmo se deu em 2001, mas com nova ampliação do tempo e da equipa (3 semanas, integração de um considerável número de estudantes portugueses e estrangeiros),

* Doutor em Pré-história e Arqueologia. Faculdade de Letras da Univ. do Porto – DCTP.

** Mestre em Arqueologia. Museu da Cidade de Lisboa.

*** Mestre em Arqueologia Pré-histórica. Instituto Português de Arqueologia – E. T. de Vila do Conde.

**** Mestre em Arqueologia Pré-histórica. ACDR – Freixo de Numão.

tendo sido possível obter as primeiras fotos aéreas do local (a partir de helicóptero). Dos trabalhos de 1998, 1999, 2000 e 2001 foram remetidos ao IPA os respectivos relatórios. Em Outubro de 2001 foi enviada ao IPPAR (através da sua delegação do Porto) a proposta de classificação do local.

Já em 2002, apresentámos ao IPA o novo projecto ARQUEHORFREN (2002-2005), que foi aprovado, pelo que esperamos, nos próximos anos, poder ampliar a área sobre a qual têm incidido os estudos, e dispor de meios financeiros mínimos para consolidar as estruturas entretanto exumadas (protegidas de ano para ano, precariamente, com uma cobertura de gravilha), transformando o sítio num elemento de uma rede de locais visitáveis na região. Também visitou recentemente o local um investigador do CIPA (IPA) em Geo-arqueologia, havendo todo um programa de pesquisas interdisciplinares previsto, para o Castanheiro do Vento e outros sítios pré-históricos da região.

As responsabilidades do Estado central e da autarquia são, a esse respeito, decisivas. Uma área como esta, onde tanto investimento já se fez por via da ACDR de Freixo de Numão, onde o IPPAR iniciou em 2001 um projecto trienal muito importante de valorização patrimonial do Castelo Velho, com recurso ao POC, e onde existe o Parque Arqueológico do Vale do Côa, cujo património é o único, em Portugal (no âmbito da arqueologia) que foi classificado “Património Mundial” pela UNESCO (em 1998), merece uma particular atenção.

Não são muitas as zonas do país onde esse conjunto de situações se concentra, incluindo uma activa associação local, com capacidades logísticas, uma ligação a docentes/investigadores da Universidade do Porto desde 1989, o efectivo envolvimento de diversos arqueólogos e outros técnicos, a permanente abertura a actividades de formação (fornecidas gratuitamente, e até hoje não apoiadas por qualquer universidade!) de estudantes nacionais e estrangeiros, que já abarcou muitas centenas de pessoas, etc.

De acrescentar apenas que Castanheiro do Vento e a problemática que suscita (em articulação íntima com os dados de Castelo Velho e toda a reflexão que têm permitido a S. O. Jorge e colaboradores) foram recentemente incluídos em obra de grande repercussão internacional, sob a forma de um artigo resultante de comunicação apresentada pelos signatários em Lisboa (Setembro de 2000), ao Encontro da Associação dos Arqueólogos Europeus (v. bibliografia).

2. LOCALIZAÇÃO E BREVE DESCRIÇÃO

Castanheiro do Vento é um lugar situado, portanto, no distrito da Guarda, concelho de V.ª N.ª de Foz Côa, freguesia de Horta do Douro.

Com base na “Carta Militar de Portugal”, na esc. de 1/25.000, folha nº 140, as coordenadas geodésicas do local são as seguintes:

41º 3' 49" Lat. N.

7º 19' 18" Long. W de Greenwich.

A altitude máxima absoluta é de 730 m. Trata-se de um local proeminente, implantado entre o rio Torto e a ribeira da Teja, do cimo do qual se avista uma vasta região em todas as direcções, com particular destaque para os sítios arqueológicos, próximos, de Alto do Viso e de Castelo de Numão, situados para norte.

Se considerássemos, por exemplo, uma carta da região na esc. de 1/100.000, com curvas de nível equidistantes de 100 m., encontraríamos o Castanheiro do Vento como um cabeço, esquematicamente delimitado pela curva dos 700 m., bem isolado numa paisagem virada à Ribeira da Teja. Esta vem de sul, passa entre os planaltos das Alturas de Penedono, a oeste, e da Serra da Meda, a leste, e espraia-se depois numa zona de planície situada a 400-500 m. de cota, nas zonas de Cedovim, Sebadelhe, Zaralhoa, correndo a seguir entre zonas elevadas, onde de novo o seu vale se estreita, entre Numão e Peliteiro, antes de desaguar no Douro. É este vale, delimitado a leste por zonas planálticas onde assentam Fonte Longa, Touça (c. 700 m.) e Freixo de Numão (c. 600 m.), e corre a ribeira de Murça, que basicamente o Castanheiro do Vento controla, em termos visuais. Para SE, W e NW do sítio ficam zonas relativamente elevadas (700 m.), percebendo-se que, apesar da proximidade com um troço do rio Torto, este não estava basicamente na linha de alcance visual do sítio.

Por isso nos parece poder afirmar, a partir da observação física da região, que o Castanheiro do Vento foi implantado em relação estreita com um território localizado para leste dele, como se disse. Tal como o Castelo Velho de Freixo de Numão, mais encaixado e baixo (alt. máx. – 681 m.) se encontra conotado claramente com uma paisagem situada para ESE e sudeste desse sítio, que não inclui apenas o ribeiro do vale da Vila, afluente do Douro, mas igualmente (e sobretudo) o Côa, pois o acidente da paisagem que claramente “organiza” o monumento em termos visuais é o monte de S. Gabriel, sobranceiro àquele rio, e já na sua margem direita. Parece que, durante o Calcolítico e a primeira parte da Idade do Bronze, os rios não eram “fronteiras”, mas esta função simbólica poderia ser exercida por acidentes importantes de terreno, ou seja, planaltos/sequências lineares de áreas de elevações e/ou montes destacados (S. Gabriel).

O acesso a Castanheiro do Vento é feito a partir da E. N. 222 (V.ª N.ª de Foz Côa – S. João da Pesqueira). Para quem vem de leste, a saída da estrada asfaltada, para um caminho de terra batida, é feita alguns kms. depois de passar Horta do Douro, o que permite aceder à estação por norte, a partir de um “plateau” que corresponde convencionalmente à base do cabeço. Esse caminho bifurca a certa altura em várias direcções: para oeste, em direcção à vizinha Quinta do Campelo (que deve ter sido quase toda construída com base em materiais retirados do morro pré-histórico); para leste, permitindo aceder de novo (por caminho mais íngreme) à estrada nacional; para norte, com subida acentuada, e contornando o cabeço, em direcção à zona mais elevada onde têm decorrido as nossas pesquisas.

A tipologia desta estação arqueológica é tradicionalmente caracterizada pela expressão, quanto a nós desadequada, de “povoado fortificado”, categoria de sítios cuja pretensa homogeneidade, para o Calcolítico português, foi desconstruída por S. O. Jorge (v. bibliografia).

Quanto à sua cronologia genérica, o sítio é integrável no Calcolítico e na primeira fase da Idade do Bronze (3.º milénio e primeira metade do 2.º milénio a. C.), embora o estabelecimento da verdadeira diacronia precisa do local esteja ainda muito dependente do desenvolvimento futuro dos trabalhos, uma vez que estes se têm mais preocupado com uma investigação em área, tendente sobretudo a definir a periferia de um recinto superior e suas estruturas delimitantes e adjacentes.

O sítio implanta-se no topo (e encostas?... mas neste segundo caso poderá estar muito danificado) de um cabeço de planta sub-circular, convencionalmente delimitável (na carta de 1/25.000), na base, pela curva de nível de 680 m., sobranceiro, como se disse, a Horta do Douro e, em geral, à Ribeira da Teja (afluente do Douro) que se situa para leste do local.

Genericamente, pode dividir-se entre uma zona setentrional, ligeiramente mais elevada, relativamente bem preservada, monumental (onde se encontra o recinto superior a que aludimos), coberta de vegetação arbustiva, e uma zona mais meridional (que se estende até ao marco geodésico de 723 m.), cultivada, e onde os terrenos se encontram revolvidos, revelando numerosos artefactos à superfície, cada vez que aí se realizam observações sumárias. É na primeira que os nossos trabalhos têm incidido. A seguir, descreveremos genericamente as acções efectuadas na última campanha (Julho de 2001) e referir-nos-emos aos principais objectivos para a de Julho de 2002.

3. TRABALHOS REALIZADOS EM 2001, SUAS PRINCIPAIS CONCLUSÕES, E PERSPECTIVAS PARA 2002

3.1. Descrição sumária dos trabalhos de 2001

Esquemáticamente, foram efectuadas as seguintes acções:

– Limpeza e quadriculagem da área a intervir, na continuidade do que havia sido feito em 2000, mas ampliando para NW e para SE a zona antes estudada. Desobstrução da zona, e de áreas envolventes, de muitas pedras ali acumuladas, de forma caótica, dispersa ou concentrada, pelos trabalhos agrícolas que antigamente se faziam no sítio (centeio?).

O local da nossa intervenção, desde 1998, fica adjacente a um estradão, e situa-se para oeste deste, na zona nordeste da estação. A área abrangida até hoje – consideravelmente ampliada na campanha de 2001, por dispormos de mais pessoas e tempo do que nas anteriores – estende-se na direcção NW-SE, ao longo de mais de 50 metros de comprimento.

A pesquisa procura seguir o contorno do muro ou muralha periférica do reduto, estudando ao mesmo tempo as suas estruturas anexas (bastiões), evitando em geral aprofundar o nível dos trabalhos (com excepção do interior desses mesmos bastiões). É uma escavação, em regra, feita em área, relativamente superficial, que deixará para uma fase ulterior a compreensão do interior do recinto (que acreditamos estar relativamente bem conservado) e sua (provavelmente complexa, pelo menos no detalhe) diacronia. Se nos aventurássemos a estudar parcelas do interior do recinto iríamos provavelmente perder a noção de conjunto, etapa por etapa, do seu “enchimento” (ou, na medida em que consigamos reconstituir esse aspecto, etapa por etapa das suas principais transformações arquitectónicas), noção essa que é capital tentar recuperar.

– Decapagem superficial (muito dificultada pelas raízes dos carrascos, abundantes e profundas) e registo das estruturas visíveis ao nível das c. 1 e 2 (divisão convencional, sendo que o que importa é, em regra, que uma primeira ou segunda decapagem de uma unidade de escavação exponha restos de estruturas que façam sentido ao nível de uma primeira planta geral) e, por vezes já, ao nível da c. 3, nessa área, abarcando uma superfície total (por acumulação com as de anos anteriores) de c. de 500 m² (125 unidades de 2 m. de lado).

Tal decapagem permitiu ver e registar em desenho uma maior extensão de muralha (ou muro) periférica (a qual, a partir do bastião B, inesperadamente inflecte para sul, o que ainda se torna mais nítido na extremidade SE da área intervir, escavar a maior parte de uma zona localizada, ainda mal

definida no seu contorno total, que designamos “estrutura de combustão”, e que apresenta sinais de ter sido submetida a temperaturas intensas (pedras encarniçadas e fragmentadas), para sul do bastião B (excepção única à “regra”, antes enunciada, de escavar o interior do recinto “em área”); pôr à vista, na extremidade SE da zona intervencionada, o bastião C, e, no extremo oposto, a NW da mesma zona, uma rampa pétreo monumental (de tipo Castelo Velho), cujos limites serão melhor esclarecidos em próximas investigações. Estas foram as principais aquisições, ao nível de estruturas, desta campanha.

– Conclusão da escavação da parte interna do bastião B, de planta subtriangular (enchimento térreo, e camada subjacente ao seu “nível de utilização inicial”, ambos com materiais arqueológicos diversos), iniciada em 2000. Trata-se de uma estrutura calcolítica muito bem conservada, junto à muralha (ou muro) também calcolítica, acima referida, muralha essa que, como dissemos já, que parece circundar a plataforma superior (zona norte) da estação. Na extremidade norte da área interior do bastião B ocorreu uma fossa, com bastantes materiais arqueológicos (estratigraficamente anterior ao bastião), e mais para o centro do mesmo um buraco de poste estruturado, assente no xisto da base, contemporâneo do bastião, o que parece indicar que a super-estrutura deste bastião (senão de todos) era constituída por uma cobertura mais ou menos cónica, de materiais perecíveis, assente num poste.

Não se verificou, sobretudo no exterior e para norte do actual bastião B, qualquer prova inequívoca de uma hipótese, que tínhamos avançado em 2000, de que esse bastião teria tido uma forma inicial semelhante à do bastião A, sendo depois alterado na morfologia e na orientação. Mas tal hipótese não deve, de modo algum, ser descartada; antes pelo contrário, é muito provável que corresponda à realidade.

Na verdade, não deixa de ser estranha a diferença de planta desta estrutura, entre o interior (triangular, de lados rectilíneos) e o exterior (sub-circular, de contorno curvilíneo). Terá havido, durante a pré-história, uma alteração de um hipotético bastião inicial, ainda mais profunda do que tínhamos imaginado? É muito possível, para não dizer provável, tanto mais que o eixo maior do bastião B não é perpendicular à muralha, como acontece nos bastiões A e C, continuando a dar a impressão de estar “torcido” para leste (como um barco que tivesse desviado a sua proa, a sua orientação, de norte para leste). Para já é ainda cedo para uma interpretação segura, mas a posição actual do bastião B parece poder estar relacionada com outras alterações que ocorreram para sul dele, na área da “estrutura de combustão”, a qual chega a interromper a muralha. Ou seja, todo o bastião B não é mais do que o produto de uma ou várias reformulações, bastando atentar na respectiva planta, tão irregular e dissimétrica (até na espessura dos “muros” delimitantes), que não deixa lugar a dúvidas de que este local específico foi alvo de transformações arquitectónicas durante a pré-história.

– Delimitação e escavação parcial da área interna do bastião C, de planta semi-circular, após desmontagem das pedras que superiormente a revestiam. Escavação de uma estrutura sub-triangular, com provável estela no interior (laje de xisto fincada intencionalmente no solo), associada a este bastião, e situada na sua extremidade oriental interna.

– Cobertura com gravilha – para protecção - de todo o enchimento do bastião B, até ao topo, e após colocação de manga plástica; idêntica acção relativamente ao bastião C (mas desta vez a título ainda mais precário do que noutras áreas, uma vez que se terá de esvaziar em 2002 para prosseguir o estudo da estrutura e seus arredores).

– Delimitação, na muralha, e parte NW do bastião A, de uma pequena “porta” de acesso ao interior do recinto, a qual foi obturada numa determinada fase do sítio; exposição, na periferia NW da zona intervencionada, de uma área que parece definir uma espécie de átrio (ausência de pedras, e abundantes materiais na camada 3); desmontagem de um enorme amontoado de pedras na extremidade NW da zona intervencionada, o que permitiu, como se disse, a exumação de uma rampa pétreo do tipo Castelo Velho. Esta rampa pétreo continua certamente para oeste.

– Continuação da prospecção de zonas lavradas do povoado, e recolha superficial de bastantes artefactos (fragmentos cerâmicos, moinhos manuais, percutores – ou seus fragmentos – em quartzo, etc.). Constatação da presença de artefactos para norte do estradão de acesso, nas imediações da área intervencionada, o que recomenda futuramente o estudo dessa zona.

3.2. Conclusões dos trabalhos de 2001

Após a campanha de 2001, podemos ressaltar os seguintes tópicos:

– a cada vez maior importância e extensão de uma muralha, ou muro de duas faces (com cerca de 1,5 m. de largura em média), orientado genericamente no sentido SE-NW, ao qual se vêm acoplar três bastiões (A, B, e C), em posição exterior (isto é, para Norte – bastiões A e B –, ou seja, para o lado do estradão de acesso, e para Este – bastião C).

– A grande importância dos bastiões como estruturas ornamentais ou de prestígio, de consolidação da muralha (servindo de contrafortes junto a um declive) e de criação de espaços internos circunscritos onde se poderiam ter realizado certas acções particulares (diferentes de bastião para bastião, em cada

momento? diferentes também ao longo do tempo? muito provavelmente, a resposta a ambas as questões será afirmativa). Num momento final, o interior dos bastiões foi petrificado, isto é, cheio com pedras, mas não caoticamente, ao acaso. Tais pedras e, por vezes, lajes muito compridas, delimitam nichos claramente intencionais, tudo parecendo fazer parte de um comportamento altamente planeado e estruturado, mesmo na fase, por assim dizer, de “condenação” de tais estruturas e sua massificação (seu enchimento pétreo).

O bastião A é sub-elíptico; começado a escavar em 1999, foi concluído em 2000.

O bastião B parecia circular (ou quase), no fim dos trabalhos de 1999, mas a realidade interna revelou-se bem diferente: é, pelo interior, de planta triangular, assumindo, como dissemos, um aspecto exterior algo mais arredondado do que pelo interior, que é de tipo ou concepção mais rectilíneo(a). Corresponderia isso a qualquer modificação que sofreu em época pré-histórica, como atrás já sugerimos? É provável, embora precisemos de provas mais concretas e observações mais detalhadas, na zona envolvente do bastião.

O bastião C é semi-circular e está inteiramente “virado” para leste, o que de princípio nos surpreendeu, como também constituiu novidade o facto de a muralha, nesta zona SE, inflectir para sul, curvando, e afastando-se assim aparentemente do estradão actual e da destruição inevitável que este, de outro modo, lhe teria causado. Se essa curvatura pode significar uma menor dimensão do recinto que a muralha parece delimitar, ela foi, por outro lado, uma ocorrência positiva, pois assim temos a esperança desta estrutura se encontrar preservada em boa parte da sua extensão.

– Todas as estruturas descritas estão envolvidas, para nordeste, norte e noroeste (isto é, para o lado do declive da encosta, que o estradão hoje parcialmente interrompe) quer por amontoados de pedras, intencionais, quer por lajes de contenção, com disposição perfeitamente estruturada, de modo a servirem de contrafortes da muralha e dos bastiões, contrafortes esses escalonados ao longo do declive conservado.

Também a grande quantidade de pedras, muitas delas aparentemente estruturadas, que ocorrem nas áreas situadas para o “interior” da “muralha”, faz adivinhar uma notável complexidade (e boa conservação) de estruturas, além de uma espessura estratigráfica que nos trará esclarecimentos importantes quanto à diacronia do sítio. No caso da “estrutura de combustão” anexa ao bastião B, tal evidência estratigráfica foi já comprovada, pois se encontraram, por debaixo dessa estrutura (ao nível da camada 3, de cor amarela) sinais evidentes de uma espécie de átrio de acesso ao bastião, delimitado por pedras alongadas. Trata-se de uma estrutura a estudar melhor, se possível, em 2003-2005.

No mínimo, toda, ou pelo menos uma parte considerável da área setentrional do sítio arqueológico no seu todo (da qual só uma parcela relativamente pequena, a NE, tem sido analisada) deve constituir um recinto, cujas fachadas exteriores eram muito provavelmente monumentais, sendo altamente possível que outras estruturas, pelas encostas abaixo, tenham existido, tendo sido muito afectadas pelos trabalhos da eucaliptação (entre outros factores de degradação – as zonas mais inclinadas são naturalmente as mais sujeitas à acção da erosão).

– outro aspecto extremamente importante é a descoberta, no extremo NW da área intervencionada, de uma rampa pétreo monumental, assente numa zona de declive periférico do “plateau” superior do sítio. Este dispositivo, tão típico de Castelo Velho de Freixo de Numão (nas zonas de encosta, para as tornar mais imponentes e visíveis ao longe), volta a repetir-se aqui. Infelizmente, parte importante das encostas de Castanheiro do Vento, para nordeste e sobretudo para leste – viradas à ribeira da Teja – foram revolvidas para plantio de eucaliptos, o que nos faz perder a esperança de aí se encontrarem razoavelmente conservadas.

– Por aqui se pode ver o atentado gravíssimo que o plantio de eucaliptos constituiu ao nosso património arqueológico, desde que este não seja considerado apenas nos seus aspectos hoje mais visíveis (topo das colinas, em que os arqueólogos em regra se concentram), mas nos seus aspectos potenciais globais (incluindo periferias que, como neste caso, podiam ser as zonas mais visíveis a distância, e mais legíveis, dos vales, como elementos intencionais, acrescentados à paisagem). Se as encostas situadas na zona leste do Castanheiro do Vento tivessem contido rampas pétreas, concebidas para serem vistas de longe, a imponência deste cabeço sobre toda a região seria impressionante.

Falamos muitas vezes de Stonehenge e de sítios análogos como protótipos da monumentalidade pré-histórica – “causewayed camps”, henges, etc., para já não referirmos os “túmulos megalíticos” – e esquecemo-nos de que em casos como o Castelo Velho (infelizmente, hoje, com a sua “leitura”, a partir dos vales próximos, muito prejudicada por matas de eucaliptos que lhe cobrem parte das encostas – esperemos que um dia tal praga desapareça da zona), ou o Castanheiro do Vento, estamos perante exemplos notáveis, e grandiosos, de comportamento monumental, cujo impacto visual, em época pré-histórica, mal nos é possível imaginar. A monumentalidade não tem obrigatoriamente, sempre, de estar conotada ou com a morte, ou com o “ritual” (domínio particularmente indefinido, quando trabalhamos em arqueologia) ou com a “defesa”. A monumentalidade, antes de tudo, é uma realidade física, comprovável arqueograficamente – e em segundo lugar, muitas vezes, tem, hoje como no passado, uma significação

multimoda. É essa complexidade e multivalência que faz todo o interesse das teorias da arquitectura, da semiologia do espaço, etc.

– Finalmente, há que referir a já mencionada existência de um possível “átrio”, para NW da área intervencionada, entre o último troço explícito de muralha (ela deve continuar para NW da quadrícula 113.44, onde se perde a sua continuidade, pois está muito confundida pelo levantamento e revolvimento de pedras por raízes) e o começo da rampa pétreia monumental.

Chamamos-lhe assim – “átrio” – porque se trata de uma área sem pedras, delimitada a SW pelo que parecem ser dois arcos de círculo de pedras maiores; nesse espaço, a camada 3 está próxima da superfície, com abundantes materiais arqueológicos (entre eles, materiais de pedra lascada, cerâmica, um punção em cobre). Isto parece indicar que, aquando de uma “petrificação” do sítio, para altear e tornar “maciças” certas estruturas antes “ocas”, em época avançada da sua utilização (como aconteceu com os bastiões, ou como aconteceu com o “reforço” de muralha que se acrescentou entre o bastião A e o bastião B, bem visível nas plantas da área intervencionada) esta zona não terá sido objecto de tal alteração. Tratar-se-á de um fio de continuidade entre várias épocas do local pré-histórico? É cedo para avançarmos por aí; esta zona tem de ser, como é óbvio, mais sistematicamente investigada.

3.3. Em síntese

A campanha de 2001 confirmou algumas das nossas impressões anteriores sobre a importância excepcional do sítio pré-histórico do Castanheiro do Vento, e abriu, como seria de esperar, novas questões e perspectivas.

Trata-se – como já tínhamos afirmado (em relatórios enviados ao Instituto Português de Arqueologia em 1998, 1999 e 2000) - de um sítio extraordinário, enorme, destinado, daqui a dez ou vinte anos, a ser uma das mais importantes estações da Pré-história recente do Norte do país, se as entidades competentes apoiarem mais decididamente a sua pesquisa e, sobretudo, a sua conservação – o que começa a tornar-se uma questão incontornável.

Castanheiro do Vento é importante como complemento de Castelo Velho, e como elemento de um circuito arqueológico pré-histórico, paralelo e complementar de outros circuitos turístico-arqueológicos, já instalados, ou em curso de desenvolvimento, na região.

Possui uma área imensa, em parte ainda intacta; apresenta muros, bastiões (cada um com sua forma), rampas pétreas (que apareceram pela primeira vez nesta campanha de 2001), e outras estruturas bem conservadas, nas quais se pode notar toda uma sequência construtiva; apresenta uma diacronia, por enquanto ainda incipientemente esclarecida, mas que é já possível comparar com a de Castelo Velho de Freixo de Numão; permite a obtenção de contextos bem preservados.

Para já, e apesar dos trabalhos se encontrarem ainda numa fase muito inicial, relativamente à imensidão da estação, e de não terem tido, deliberadamente, uma “orientação estratigráfica”, podemos aventar as seguintes hipóteses, relativamente a tal diacronia, as quais servirão naturalmente de guia para a condução das pesquisas em 2002 e ulteriormente:

1 – Possível fase mais antiga de ocupação, que corresponde a materiais achados na base do corte da estrada (aquando da sua limpeza) em 1998, nos interstícios do xisto da base e entre a argila que os preenchia (camada 3b). Pode relacionar-se com a camada de base do interior dos bastiões A e B, e talvez com a fossa descoberta no interior desta última estrutura. Calcolítico (hipótese de cronologia, para já muito discutível: 1.ª metade do 3.º milénio a.C.?).

2 – Fase de construção da “muralha” (ou muro) periférica, dos bastiões adjacentes A, B e C, e provavelmente de rampas pétreas (c. 3) – Calcolítico (por hipótese: 2.ª metade do 3.º milénio a.C.).

3 – Primeira (?) alteração de intenções relativamente ao bastião B, que não sabemos se será local, ou generalizável a um mais amplo espaço do sítio. Masmo admitindo que não houve mudança da sua forma e orientação no terreno, neste ou em momento anterior (mudança essa que, como vimos, é provável, dada a posição/forma anómala que a estrutura ocupa/apresenta), tratou-se de “tapar” parte da zona oeste do interior do bastião B com uma estrutura de pedras (na direcção S-N), às quais se encostaram várias “estelas”, “mirando” o nascente. Não sabemos se estas “estelas” serviram, em determinada época, a actos culturais no interior deste “compartimento”.

A colocação intencional de lajes fincadas de xisto (sumariamente afeiçoadas - chamemos-lhes ou não “estelas”, com toda a carga simbólica que este termo tem) ocorreu, aliás, em vários pontos do sítio, tanto no exterior e para norte do bastião B, como, por ex., na periferia leste da chamada “estrutura de combustão” situada a sul do mesmo bastião. Neste caso, a laje fincada parece marcar um dos limites da mesma estrutura, e encontra-se perto de uma outra laje horizontal, pertencente à face interna da muralha, laje essa que tem quatro covinhas.

4 – Alteração estrutural importante (desconhecemos, em termos cronológicos, se é mais ou menos desfasada da anterior), no sentido da “condenação” de ambos os bastiões (incluindo, aparentemente

também, as “estelas” do bastião B), e sua ligação através de uma bancada maciça de pedras, a qual volta a norte uma “fachada” rectilinear com algumas grandes lajes, de orientação discordante com a da “muralha” (ou muro) supracitada. Não temos por ora qualquer indicação estratigráfica no sentido de concluir que esta alteração é pós-calcolítica. Temos de manter para já a questão em aberto.

5 – Ocorrendo no sítio cerâmicas que, pela sua pasta e decoração (plástica, nomeadamente) são já da Idade do Bronze – incluindo cerâmicas incisadas, com decoração no interior e exterior do vaso, de tipo Cogeces - é de admitir que houve aqui, como em Castelo Velho, uma fase datando desse amplo período. Como sabemos, porém, estas convencionais designações genéricas (Calcolítico, Idade do Bronze, etc.) à escala local podem significar bem pouco. Por outro lado, os escassos dados ao nosso dispor levam-nos, para já, a sermos prudentes.

6 – A “estrutura de combustão” que se encontra para sul do bastião B é claramente posterior ao seu fechamento (porta sul) e às alterações estruturais mencionadas acima na alínea 3, e provavelmente mesmo, na 4. Trata-se de uma área sub-elíptica, com numerosas pedras encarniçadas pela exposição ao calor intenso (por vezes numa só das suas faces). Algumas dessas pedras, em posição sub-vertical, encostavam-se pelo exterior ao lado sul do bastião B.

Será esta estrutura de combustão já da Idade do Bronze? E, nesse caso, seria de uma fase do “Bronze” em continuidade com o Calcolítico (Bronze antigo e médio), ou pelo contrário de outra, tardia, em aparente ruptura com ele (Bronze final)?

O que é certo é que, entre pedras desta estrutura, muito alteradas pelo fogo, foi encontrado, em 2001, um fragmento de jóia (em electrum) que parece tipologicamente evoluída (Bronze final?). Mas, para já, é ainda um dado isolado, e em estudo.

Como dissemos, a escavação tem decorrido em área, e a diacronia do sítio, para já, tem sido para nós menos importante do que a compreensão planimétrica das estruturas. O tempo, e a continuidade do trabalho, se encarregarão de nos esclarecer melhor.

Ao longo das quatro campanhas dos últimos anos, foram, como seria de esperar, exumados milhares de restos de artefactos, constituídos por fragmentos de recipientes cerâmicos, “pesos de tear” em cerâmica, moínhos manuais em granito, inteiros ou, com mais frequência, fragmentados (elementos moventes e dormentes), percutores (em geral em quartzo), seixos de rio (sobretudo em quartzito), por vezes alongados (parecendo ter servido como alisadores), lascas e núcleos de quartzo, algumas pontas de seta, bem como algumas peças de metal, entre outros. Também ocorreu barro de revestimento, mais ou menos abundante conforme as áreas. Indubitavelmente, a argila tinha um papel muito relevante em toda a técnica construtiva.

A cerâmica é semelhante, na sua generalidade, à do Castelo Velho, com abundantes decorações “penteadas”, e outras incisadas e/ou impressas. Os padrões são muito variados.

Na camada 2 (ainda não muito bem isolada, mas em princípio atribuível, como em Castelo Velho, à “Idade do Bronze”) ocorrem cerâmicas com decorações plásticas (cordões, mamilos, pegadas) e asas, e ainda, como se disse, raros fragmentos do tipo Cogeces, tipo esse, aliás, também existente no próprio Castelo Velho (v. dissertação de mestrado de um de nós – L.S.P. – defendida na FLUP em 2000).

Estamos assim hoje convencidos da provável presença, nesta estação, de pelo menos uma camada estratigráfica relacionável com o que se convencionou chamar “Idade do Bronze”. É evidente que a distinção entre as camadas 1 (superficial, castanho muito escura, muito humosa, com bastantes raízes) e 2 (subjacente à anterior, castanha), tem algo de convencional, devido à destruição provocada por trabalhos agrícolas e à acção negativa das raízes dos carrascos. Eliminadas estas, estamos quase sempre perante partes superficiais de estruturas, mais ou menos “estilhaçadas”, ao nível da camada 2 ou já da camada 3, conforme a espessura da primeira. Mas a verdade é que, como temos mais decapado superficialmente, em área, do que propriamente escavado em profundidade, como já várias vezes se afirmou - à excepção do interior dos bastiões A, B, e C, claramente calcolíticos (de construção genericamente relacionável com a camada 3, amarela) - é natural que as distinções estratigráficas claras, abarcando toda a diacronia do sítio, só nos venham a aparecer em toda a sua extensão quando escavarmos extensivamente o interior do recinto.

De acentuar que começa a alterar-se a situação de ausência quase completa de utensílios líticos talhados de boa qualidade - há áreas e níveis do sítio em que tais artefactos (incluindo, como se disse, pontas de seta, embora raras) estão presentes.

Têm sido recolhidas bastantes amostras de carvão, para análise antracológica e, quando possível, eventual datação pelo C14, bem como pequenos fragmentos de osso (fauna) que submetemos a exame de especialista, embora sem resultados até ao momento.

Entretanto, dispomos já de dezoito datações pelo C14 (AMS) feitas em Uppsala, para amostras de carvão desta estação. Quatro dessas amostras provêm do interior do bastião A; três da fossa subjacente ao bastião B, e situada na sua zona interior norte; cinco do interior do bastião B; duas do interior do bastião C; duas da área situada sob a “estrutura de combustão”; uma, da “estrutura de combustão”; e uma, da área da muralha, entre o bastião A e a “porta” situada para oeste deste.

No contexto de um trabalho mais profundo, e sobretudo quando tivermos dados mais precisos, com base em amostras de carvão quantitativamente mais significativas, abordaremos a problemática da datação absoluta do sítio. Veremos quais das datas então disponíveis se podem relacionar com uma fase pré-construção do(s) bastião(ões) (1.ª metade do terceiro milénio a. C.?), e outras com a “história” dessas (2ª metade do mesmo milénio?) e doutras estruturas, até à respectiva “condenação” e abandono. O muito pouco que sabemos por ora impõe-nos a maior prudência.

Tudo o que podemos afirmar é que metade das datas para já obtidas (calibradas, como todas, a dois sigma) inscrevem-se, ou “a cavalo” entre a primeira e a segunda metade do 3.º milénio a. C. (5 datas – para a fossa subjacente ao bastião B, para o bastião A, para a área situada sob a “estrutura de combustão”), ou na segunda metade do mesmo milénio (4 datas – para os bastiões A, B e C). As restantes datações não são, para já, concludentes.

Finalmente, três datas mais recentes apontam para o 1.º milénio a. C. (em termos culturais muito genéricos, seria uma Idade do Ferro), e devem corresponder a acções isoladas (ou, quando muito, ocupações esporádicas no local), já que nada de consistentemente pós-Idade do Bronze antigo e médio – à excepção possível do fragmento de jóia – apareceu até hoje no local (onde, como é habitual, só ocorreram, próximo da superfície, ou à superfície mesmo, restos muito modernos de cerâmica, sem significado).

Por fim, também se recolheram – nos vários anos de trabalho – alguns restos de escória, pedaços de recipientes cerâmicos que contêm aderência metálicas (cobre), bem como (nomeadamente na chamada “estrutura de combustão” situada para sul do bastião B) pedras que sugerem uma alteração pelo calor intenso, pois nalguns casos, para além de avermelhadas, perderam peso e se apresentam todas estaladas. Estarão em relação com alguma actividade metalúrgica?... Necessitamos de recorrer neste caso a um diálogo mais constante com o Instituto Geológico e Mineiro (Porto), que já nos tem feito algumas análises neste domínio para amostras da estação.

A parte mais abundante dos materiais recolhidos ficou, em 2001, em Freixo de Numão, à guarda da ACDR, pois as nossas bases logísticas no Porto ou em Lisboa não comportam a entrada de avultado número de peças ou amostras.

Os registos e o “espólio” da estação destinam-se-ão, no futuro (isto é, logo que estudados), e salvo indicação superior em contrário, ao Museu local de Freixo de Numão.

4. PERSPECTIVAS PARA 2002

Está previsto que as escavações decorram durante mais 3 semanas (15 dias de tempo útil), entre 15 de Julho e 2 de Agosto, ao mesmo tempo que se desenvolverão trabalhos em Castelo Velho de Freixo de Numão.

A continuidade dos nossos trabalhos nesta estação é tanto mais importante quanto as pesquisas do Castanheiro do Vento são de frequência obrigatória para alguns alunos da nova licenciatura em Arqueologia da FLUP, que aí vão buscar parte dos créditos necessários à obtenção do seu curso. E há já estudantes de licenciatura, de mestrado, e de doutoramento que, como dissemos, escolheram aspectos de Castanheiro do Vento como tema das suas pesquisas.

A importância local, nacional, e internacional do sítio continuará a contrastar com as dificuldades que sentimos para, materialmente, o estudarmos, protegermos, e valorizarmos como merece?

Agora que Castelo Velho já pertence ao Estado, e está sendo objecto de uma valorização por parte do IPPAR, era importante que Castanheiro do Vento fosse igualmente alvo do interesse que merece, para poder vir a integrar-se num amplo circuito de visita dos sítios de toda a região ocidental do concelho de V.ª N.ª de Foz Côa.

Pensamos que as escavações de 2002 deverão incidir, prioritariamente:

- no estudo exaustivo do bastião C;
- no alargamento da escavação (decapagem em área e registo de estruturas em desenho e fotografia) para oeste (na extremidade NW da área intervencionada) e para sul (na extremidade oeste da área intervencionada);
- no esclarecimento do provável átrio acima mencionado;
- na continuação da escavação da rampa monumental existente a NW, tanto no sentido lateral, como no sentido descendente da encosta, ultrapassando um caminho antigo (onde restos das estruturas da rampa claramente continuam, embora muito danificados), e prosseguindo no sentido do estradão actual.

Parece-nos:

- que para já se deve deixar o bastião B, com o seu enchimento em gravilha (que o protege), e área envolvente (incluindo a chamada “estrutura de combustão”, que também está coberta por gravilha) para ulteriores pesquisas;

- que devemos concentrar-nos no esclarecimento das estruturas periféricas e delimitadoras do recinto superior (muralha, bastiões, rampas, eventual átrio) antes de prosseguirmos, com meios adequados, com uma escavação em área do interior e, mais tarde, exterior, da superfície do referido recinto.

AGRADECIMENTOS

Às entidades que nos têm apoiado, financeira e logisticamente, e aos técnicos (nomeadamente ao topógrafo Armando Guerreiro e a Vítor Fonseca) e numerosos estudantes que têm participado nos trabalhos, dando o melhor do seu esforço e empenho. Ao Instituto Geológico e Mineiro (Porto) e ao Lab. de Cronologia pelo C14 de Madrid (CSIC). E aos, por vezes, mais esquecidos: os muitos colaboradores da ACDR de Freixo de Numão, sempre prestáveis para ajudarem a equipa em tudo o que é preciso.

BIBLIOGRAFIA

- Cardoso, J. M. (1996), *Materiais Líticos e Cerâmicos de Castelo Velho de Freixo de Numão – Continuidades e Descontinuidades: Uma Proposta de Abordagem Estatística*, Porto, Faculdade de Letras (dissertação de mestrado em Arqueologia, fotocopiada).
- Coixão, A. S. (1996), *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, V.ª N.ª de Foz Côa, Câmara Municipal.
- Coixão, A. S. (2000), *A Ocupação Humana na Pré-história Recente na Região de Entre Côa e Távora*, Freixo de Numão, ACDR de Freixo de Numão.
- Jorge, S. O. (1993), O povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da pré-história recente do Norte de Portugal, *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. I (Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. 33, 1/2)*, Porto, SPAE, pp. 179-216.
- Jorge, S. O. (1994), Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular, Porto, *Revista da Faculdade de Letras, 2.ª série, História*, vol. XI, pp. 447-546.
- Jorge, S. O. (1998), Castelo velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação, *Estudos Pré-históricos*, vol. VI, pp. 279-293.
- Jorge, S. O. (2001), Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa, Portugal), et la problématique des "habitats fortifiés" de la Péninsule Ibérique, *Communautés Villageoises du Proche-Orient à l'Atlantique* (dir. J. Guilaine), Paris, Ed. Errance, pp. 241-252.
- Jorge, S. O., Oliveira, L., Nunes, S. A., Gomes, S. (1998/99), Uma estrutura ritual com ossos humanos no sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa), *Portugalia*, nova série, vols. XIX/XX, pp. 29-70.
- Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Coixão, A. S. and Pereira, L. S. (2002), Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper/Bronze age sites in northern Portugal, *Monuments and Landscape in Atlantic Europe* (ed. Chris Scarre), London, Routledge, pp. 36-50.
- Pereira, Leonor Sousa (1999), *As Cerâmicas "Cogeces" de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Seu Enquadramento Peninsular*, Porto, Faculdade de Letras (dissertação de mestrado em Arqueologia Pré-histórica, fotocopiada).

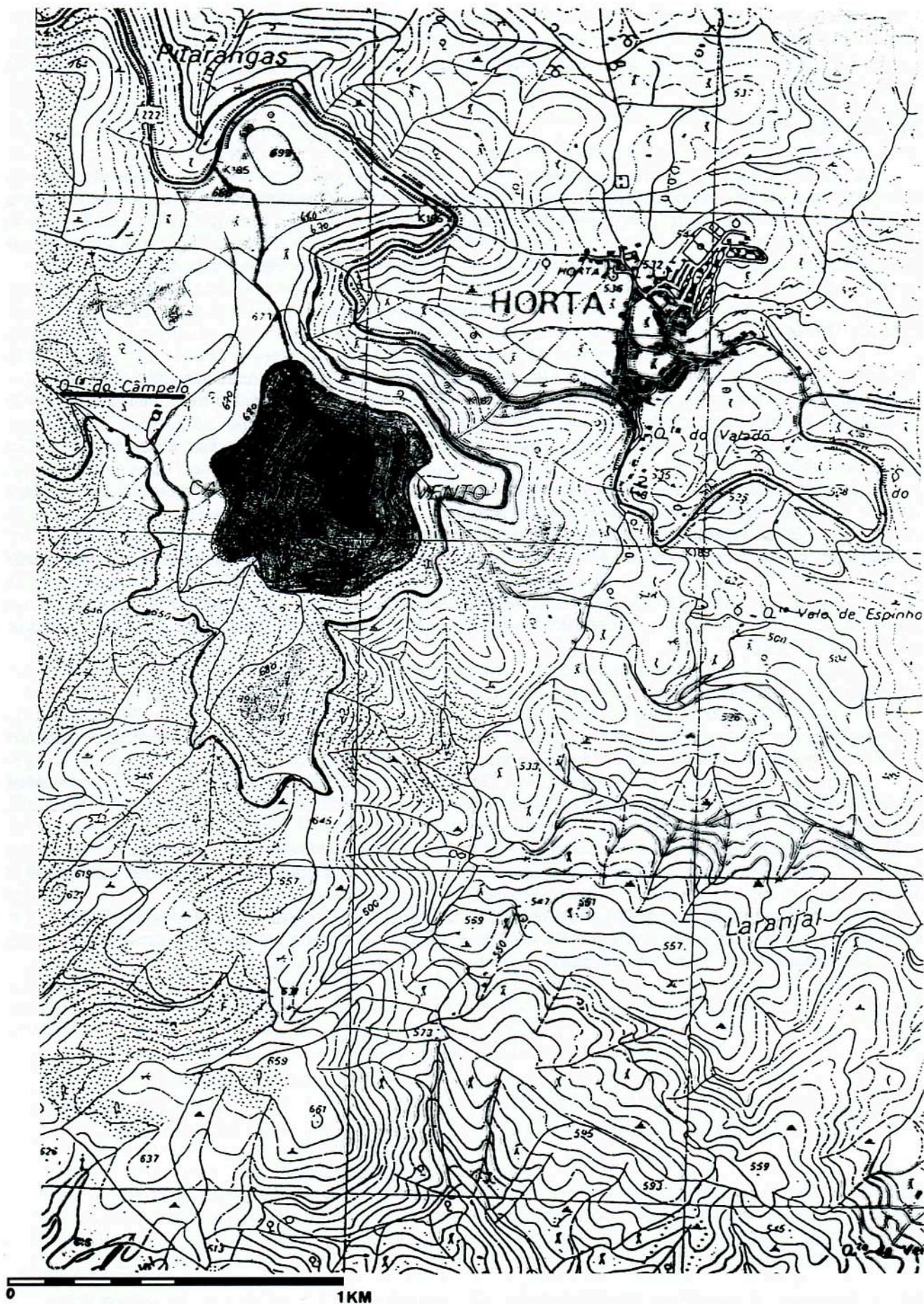


Fig. 1 – Localização da estação pré-histórica do Castanheiro do Vento, seg. a Carta Militar de Portugal na esc. de 1/25.000, ampliada

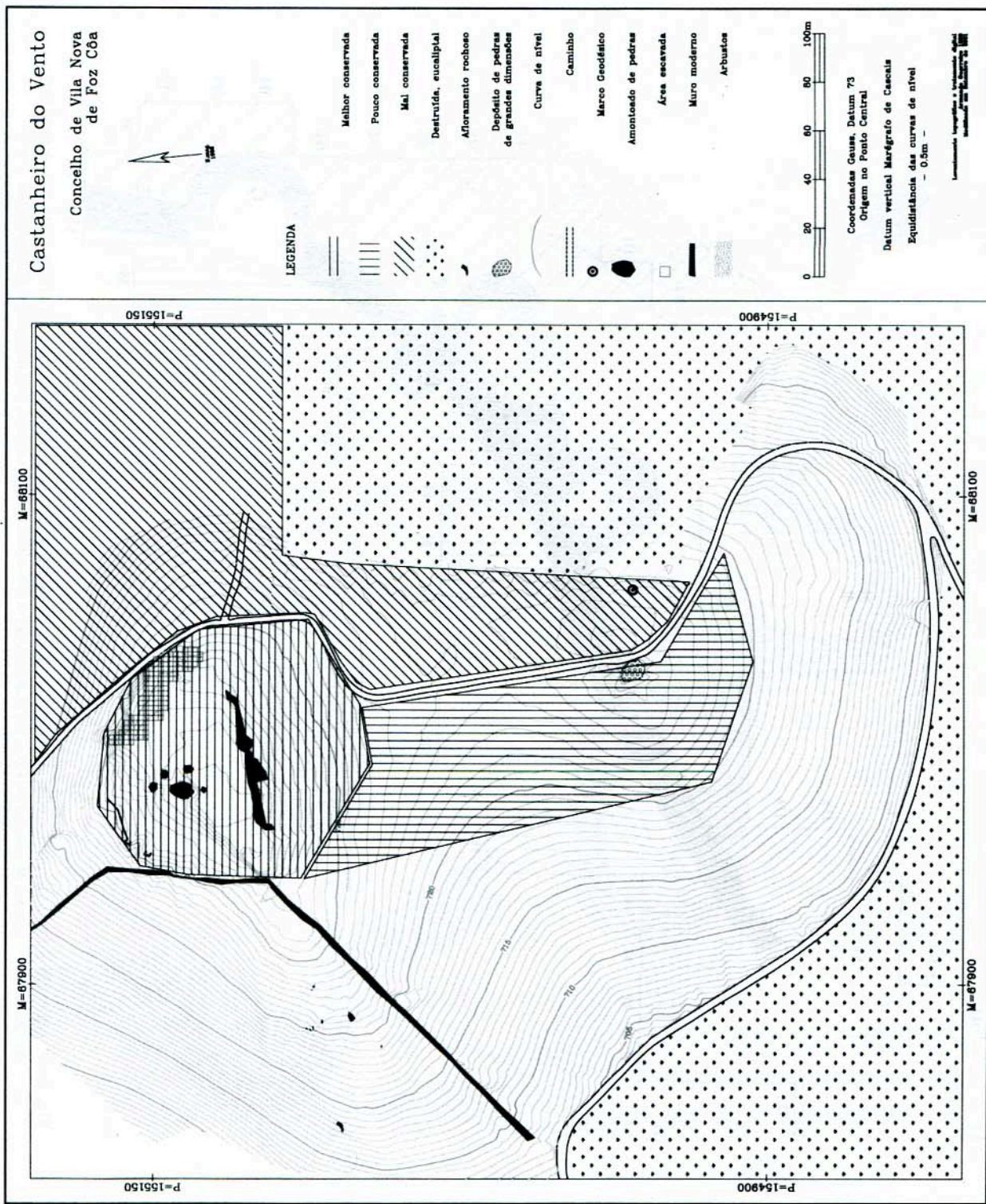


Fig. 2 – Planta da estação, elaborada por Armando Guerreiro, vendo-se a área intervencionada (quadriculado) até 2001 inclusive

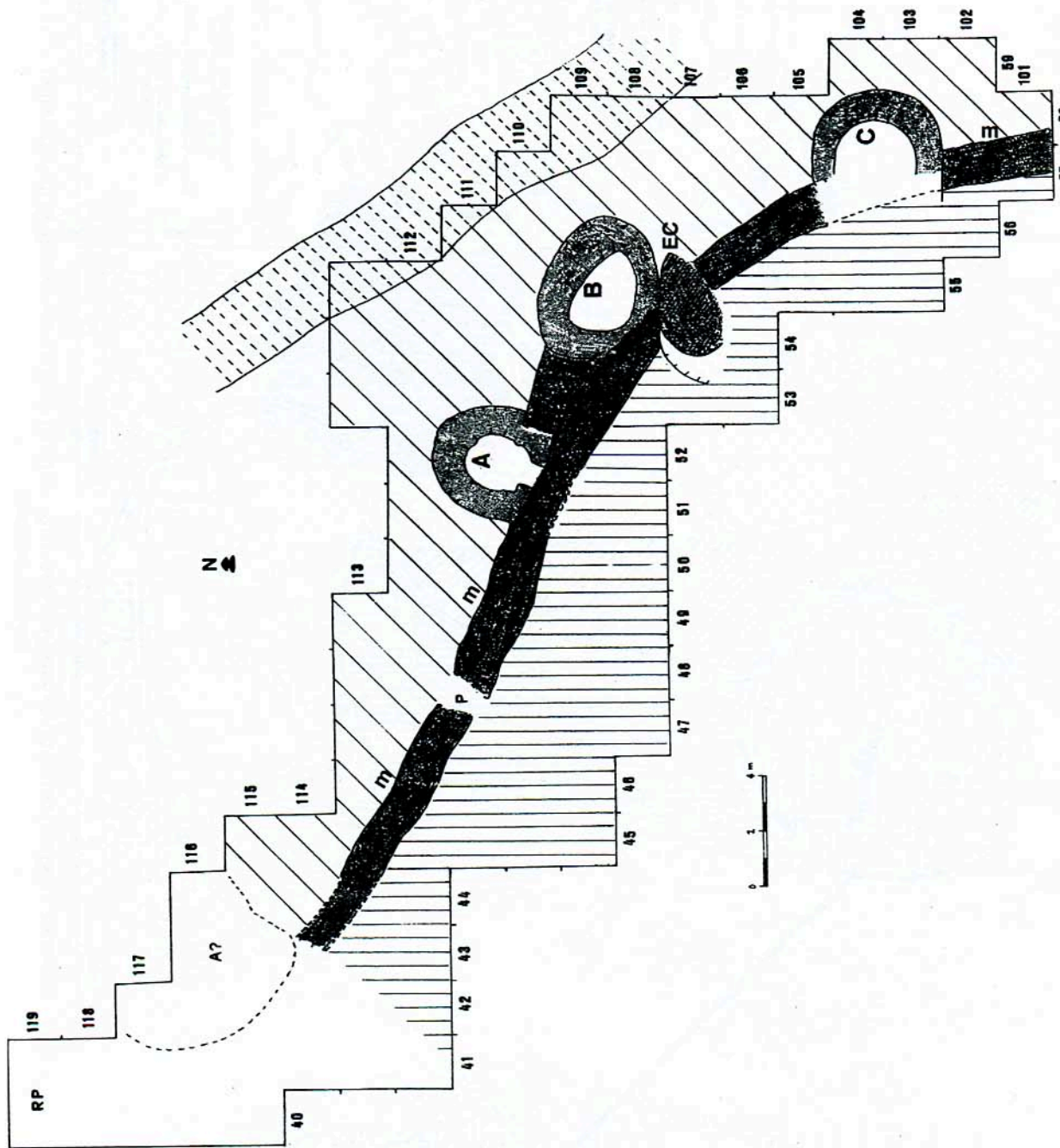


Fig. 3 – Croquis da área intervencionada, vendo-se os três bastiões (A, B, C), a muralha (m) com a sua porta (P), a estrutura de combustão anexa ao bastião B (EC) e, para NW, o possível átrio (A?) e a rampa pétérea monumental (RP).

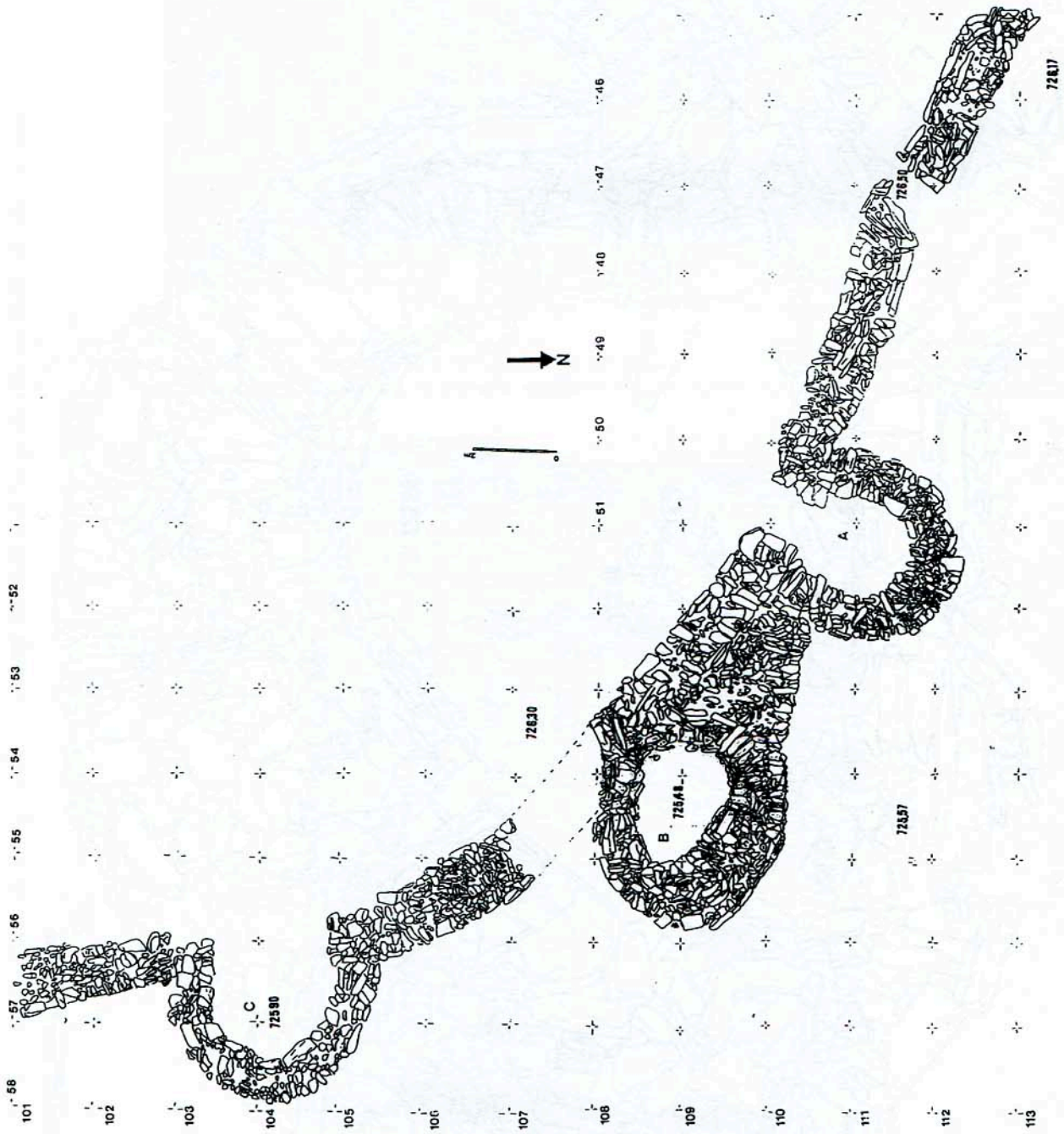


Fig. 4 – Planta do troço de muralha exumado e dos três bastiões anexos, abstraiendo das outras estruturas existentes para o exterior e interior destes aspectos arquitectónicos mais relevantes

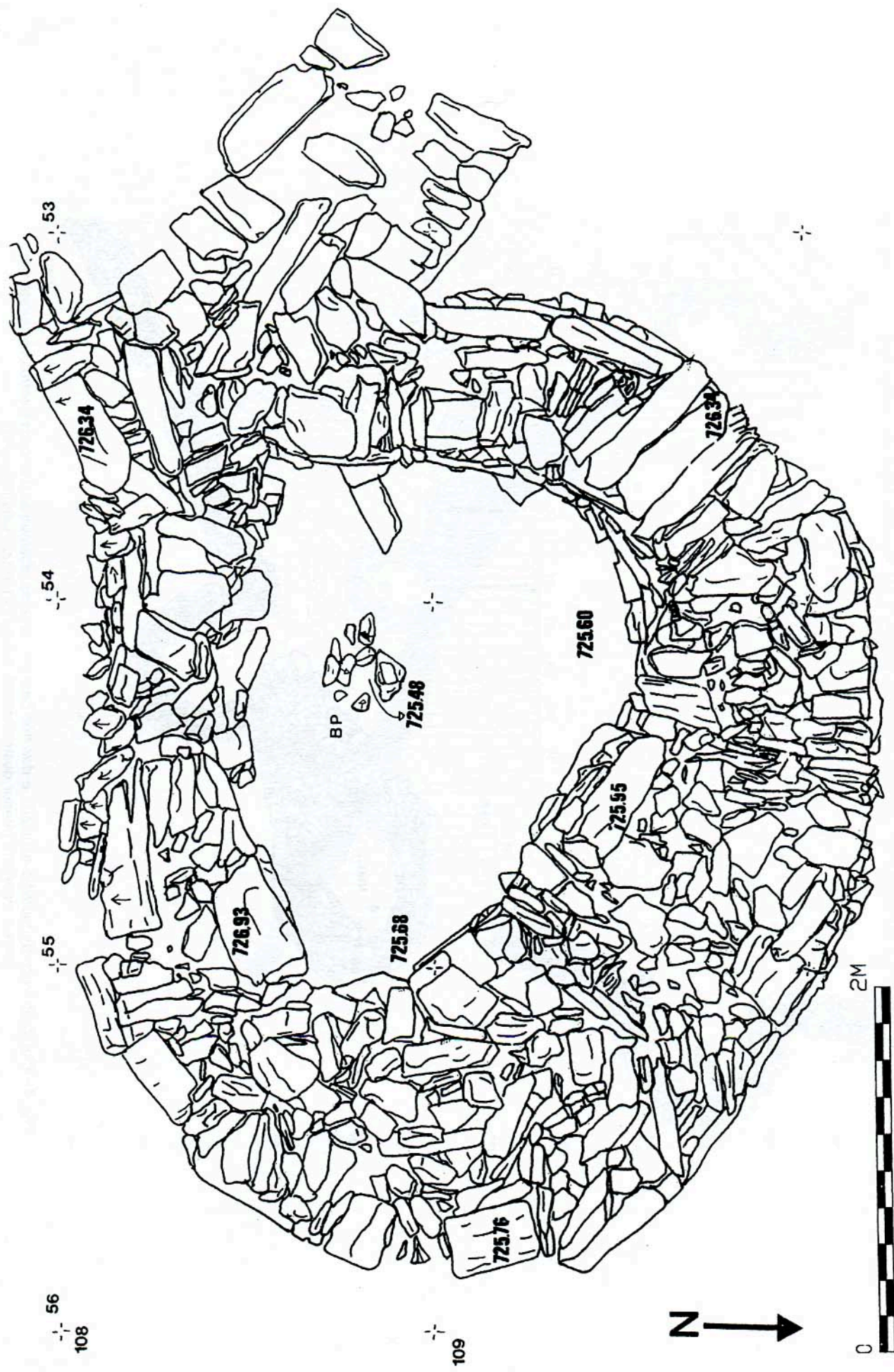


Fig. 5 – Planta do bastião B (Vitor Fonseca), vendo-se o respectivo buraco de poste, na sua base (BP)



Fig. 6 – O topo do cabeço do Castanheiro do Vento visto aproximadamente de oeste, em Setembro de 2001, a partir de um helicóptero (foto VOJ), com indicação da zona intervencionada arqueologicamente (seta). A área coberta por arbustos é a mais bem preservada arqueologicamente. Em torno, diversos trabalhos agrícolas ou revolvimentos de terras para o plantio de eucaliptos devem ter destruído uma parte importante da estação, praticamente circunscrevendo a área estudável ao seu topo superior



Fig. 7 – Outra das fotos obtidas de helicóptero em Setembro de 2001, esta sobre a área intervencionada arqueologicamente (vista aproximadamente a partir de ENE). À direita, o estradão de acesso. Várias das estruturas exumadas estão cobertas temporariamente de gravilha, para protecção (foto VOJ)



Fig. 8 – Bastião B, ao centro e à direita, na fase final da sua escavação (2001), tornando-se bem patente o seu carácter dissimétrico. À sua esquerda, parte da estrutura de combustão, cujo limite foi até agora difícil de definir. Em primeiro plano, pedras (entre as quais, todo uma série de lajes perpendiculares à parede externa do bastião) de contrafortagem. Foto obtida aproximadamente de leste (foto VOJ)



Fig. 9 – Outra imagem do bastão B (2001), desta vez visto aproximadamente de oeste (foto VOJ)



Figs. 10-11 – Interior do bastião B, em 2001: imagem de conjunto (10), vista aproximadamente de SE, e detalhe da fossa (11) subjacente, e recoberta estratigraficamente por pedras da base do bastião (fotos VOJ)

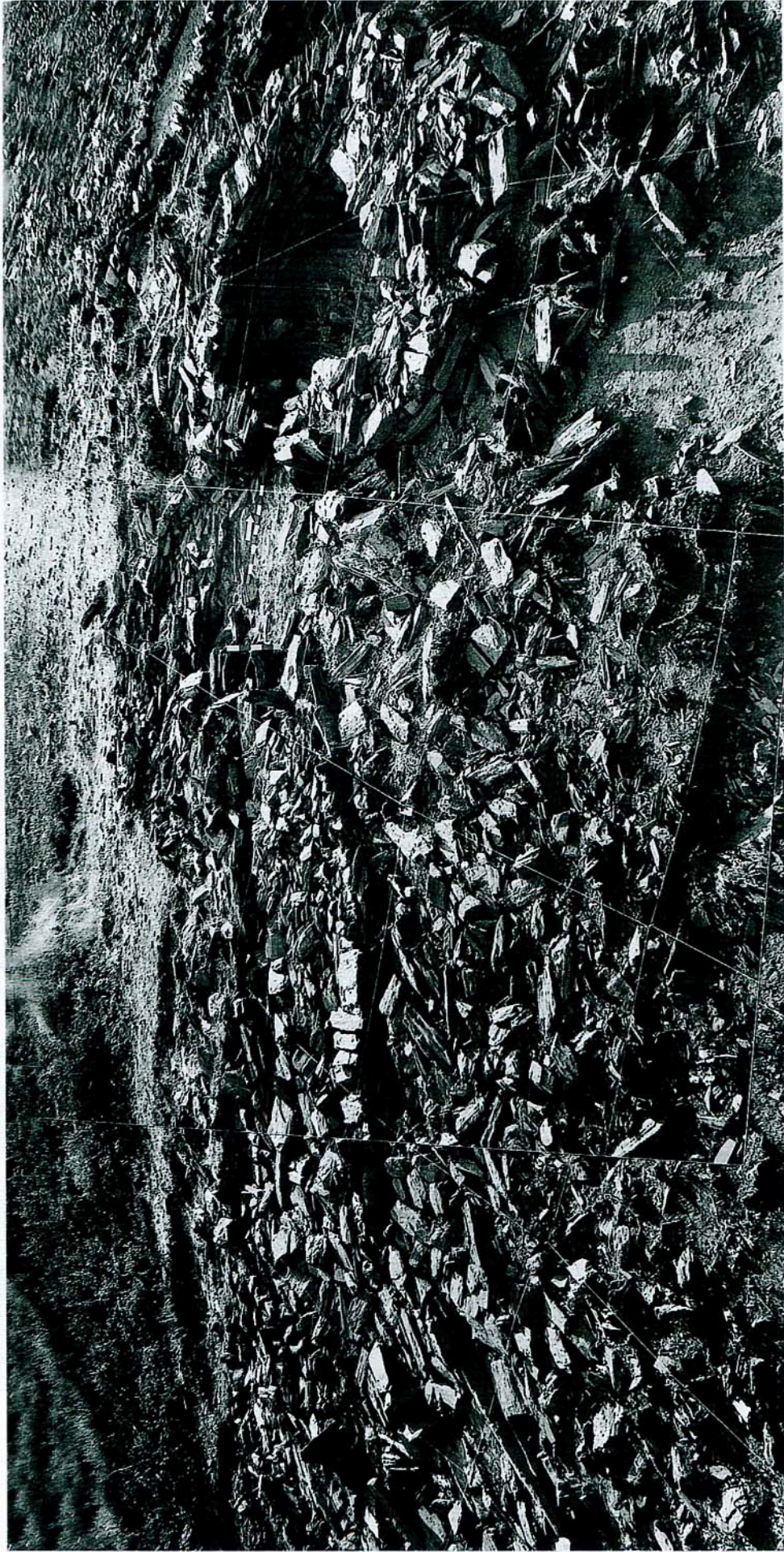


Fig. 12 – Bastião B, à direita, e, para a sua esquerda, estrutura de combustão e troço de muralha, que vai entroncar com o bastião C (2001 – vistos aproximadamente de leste – foto VOJ)



Figs. 13-14 – Dois aspectos do bastião C, durante os trabalhos de 2001: após as decapagens superficiais (13), visto aproximadamente de SE; e após ter sido retirado o enchimento pétreo superficial (14 – visto de leste). Em ambas as fotos, a régua/escala apoia-se numa laje sub-vertical, de tipo “estela”, colocada no interior de uma pequena estrutura, na parte mais interna do bastião (fotos VOJ)



Fig. 15 – Aspecto do possível “átrio” existente na zona NW da área intervencionada, ao nível da camada 3, visto de norte, no fim dos trabalhos de 2001 (foto VOJ)

SUMA DE PROBABILIDADES DE LAS FECHAS CARBONO-14
DE CASTANHEIRO DO VENTO

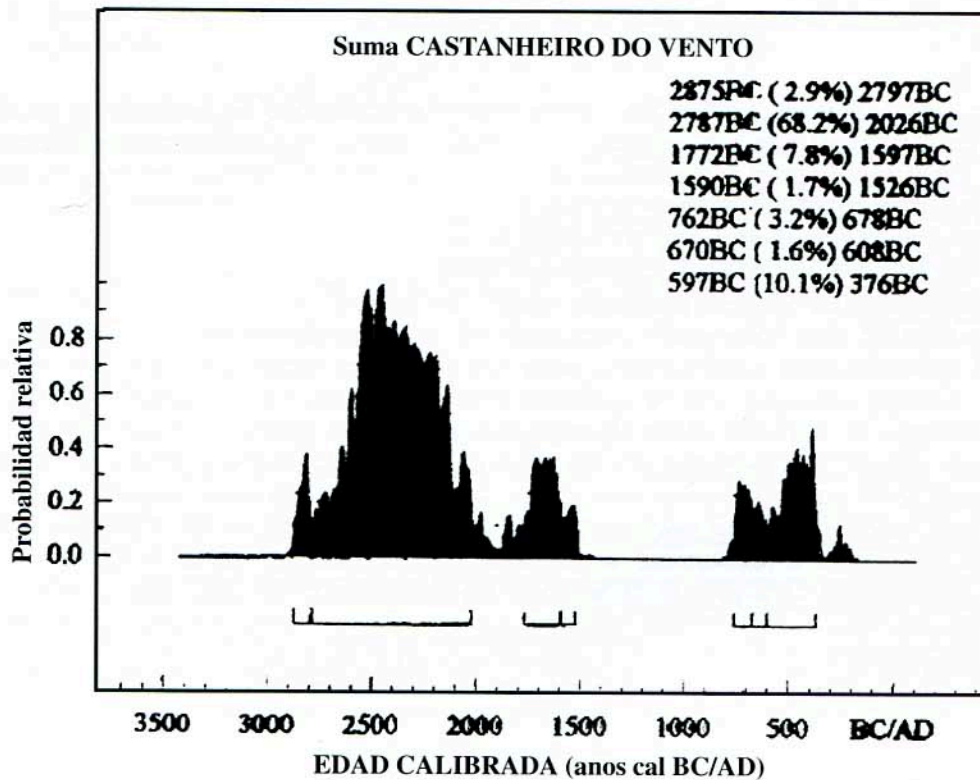


Fig. 16 – Soma das probabilidades das datas de C14 obtidas para Castanheiro do Vento (agradecemos esta colaboração a Antonio Rubinos, do Lab. de C14 do CSIC – Madrid)